

Michael A. G. Haykin & Victoria J. Haykin



João e Idelette Calvino



JOÃO E IDELETTE CALVINO

———— Michael A. G. Haykin e Victoria J. Haykin ————

Traduzido do original em Inglês
John and Idelette Calvin
By Michael A. G. Haykin and Victoria J. Haykin

Via: Founders.org

Tradução e Capa por William Teixeira
Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Janeiro de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do ministério Founders Ministries, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

João e Idelette Calvino

Por Michael A. G. Haykin com Victoria J. Haykin

[Founders Journal 75 • Inverno 2009 • pp 28-31]

Se Martinho Lutero foi o pioneiro da Reforma, seu contemporâneo mais jovem, João Calvino (1509-1563), deve ser considerado como o teólogo sistemático da Reformação. Durante quase todo o seu ministério, a partir de 1536 até sua morte em 1564, Calvino estava exilado na Genebra de fala francesa. Estes anos em Genebra foram interrompidos, somente, por um período passado em Estrasburgo (1538-1541), e foi durante esse período que Calvino se casou.

Com o incentivo de alguns amigos, inclusive colegas próximos como Guilherme Farel (1489-1565), Calvino havia elaborado uma lista dos atributos que ele buscava em uma mulher. Ele não estava realmente preocupado com a beleza física, disse Farel em uma ocasião. Em vez disso, ele estava à procura de uma mulher que fosse casta, sóbria, prudente, paciente e capaz de “cuidar da minha saúde”¹. Farel disse que ele conhecia exatamente a mulher. Em seguida, uma mulher de classe alta foi proposta. Mas ela não sabia falar francês, e por isso Calvino não ficou de todo contente. Calvino também estava com medo de que seu status social pudesse ser um incentivo para o orgulho. O irmão de Calvino, Antoine (d. 1573), no entanto, fez questão de seu casamento. Assim Calvino concordou em considerar o casamento, desde que a mulher promettesse aprender francês. Isso foi no início de 1540². Porém no final de março do mesmo ano, Calvino estava dizendo que ele jamais pensaria em se casar com ela, “a menos que o Senhor houvesse inteiramente me desprovido de meu juízo”³.

Em agosto, no entanto, ele conheceu e se casou com outra mulher, uma viúva chamada Idelette de Bure (ca. 1499-1549), que tinha dois filhos. Seu primeiro marido, Jean Stordeur (d. 1540), havia sido um líder Anabatista, que, por meio de discussões teológicas com Calvino, havia se convencido da posição Reformada.

Calvino não diz muito sobre sua esposa em suas cartas durante seus oito anos e meio de casamento (ela morreu em março de 1549, tendo sofrido de problemas de saúde por alguns anos), mas duas declarações revelam quão próximos eles eram⁴. Por exemplo, durante a primavera de 1541, antes de retornar à Genebra, Calvino estava com sua esposa, em Estrasburgo. A peste grassava na cidade, e Calvino decidiu ficar em Estrasburgo, mas enviar a sua esposa embora por sua segurança. Ele escreveu para Farel que “dia e noite a minha

esposa tem estado constantemente em meus pensamentos, em necessidade de conselhos, agora que ela está separada do marido”⁵. A segunda afirmação aparece em uma carta escrita após a morte de seu único filho, Jacques, que morreu logo após seu nascimento prematuro em 1542: “O Senhor”, Calvino escreveu a outro amigo, Pierre Viret (1511-1571), “tem certamente infligido uma ferida aguda e amargosa na morte de nosso filhinho. Mas ele é o próprio Pai e sabe melhor o que é bom para Seus filhos”⁶.

Nas duas cartas que se seguem, Calvino dá detalhes da morte de Idelette para Viret e Farel. Sua dor intensa fala de seu profundo amor por ela. E vê-se a ternura de Calvino para com sua esposa quando ele fala das providências que ele tomou para aliviar qualquer ansiedade que ela pudesse ter tido sobre o futuro de seus filhos depois de sua morte. Essa bondade é um modelo para os cônjuges.

João Calvino para Pierre Viret⁷:

07 de abril de 1549

Embora a morte de minha esposa tenha sido extremamente dolorosa para mim, contudo eu subjugo a minha dor, assim como eu posso. Amigos, também, são sinceros no seu dever para comigo. Deve ser desejado, de fato, que eles pudessem beneficiar mais a mim e a eles mesmos; ainda assim, alguém dificilmente pode dizer quanto sou apoiado por suas atenções. Mas você sabe muito bem quão terna, ou melhor, serena, minha mente está. Eu não tinha um poderoso autocontrole, mas isto me foi concedido, senão não teria suportado durante tanto tempo. E realmente a minha dor não é uma dor comum, eu fui roubado da melhor companhia da minha vida, de alguém que, se tivesse sido ordenado, não somente teria sido a participante voluntária de minha miséria, mas mesmo da minha morte. Durante sua vida, ela foi a fiel ajudante do meu ministério. Com ela, nunca experimentei o menor obstáculo. Ela nunca trouxe problemas para mim ao longo de todo o curso de sua doença; ela estava mais preocupada com seus filhos do que consigo mesma. Como eu temia que esses cuidados particulares pudessem irritá-la sem nenhum propósito, aproveitei a oportunidade, no terceiro dia antes de sua morte, de mencionar que eu não falharia no cumprimento de meu dever para com seus filhos. Retomando o assunto imediatamente, ela disse: “Eu já os comprometi a Deus”. Quando eu disse que não deveria impedir-me de cuidar deles, ela respondeu: “Eu sei que você não negligenciará o que você sabe que foi comprometido a Deus”.

João Calvino para Guilherme Farel⁸:

Genebra, 11 de abril de 1549

O conhecimento da morte de minha esposa talvez o alcançou antes deste momento. Eu faço o que posso para me impedir de ser dominado pela tristeza. Meus amigos também não deixam de fazer o que podem para aliviar o meu sofrimento mental. Quando o seu irmão partiu, a vida dela estava toda em desesperança, somente. Quando os irmãos estavam reunidos na terça-feira, eles acharam melhor que nos unissemos em oração. Isso foi feito. Quando Abel, em nome dos demais, exortou-a à fé e à paciência, ela rapidamente (pois ela estava muito desgastada) declarou seu estado de espírito. Eu, depois, acrescentei uma exortação, que me pareceu apropriada para a ocasião. E então, como ela não fez nenhuma alusão a seus filhos, eu temendo que, contida por modéstia, ela pudesse estar sentindo preocupação a respeito deles, e que isso a fizesse sofrer mais do que a própria doença, declarei na presença dos irmãos, que eu passaria a cuidar deles como se fossem meus. Ela respondeu: “Eu já os entreguei ao Senhor”. Quando eu respondi, que isso não me impediria de cumprir o meu dever, ela imediatamente respondeu: “Se o Senhor cuidar deles, eu sei que eles estarão comprometidos a você”. Sua magnanimidade era tão grande, que ela parecia já ter deixado o mundo.

Aproximadamente na sexta hora do dia, em que ela entregou sua alma ao Senhor, nosso irmão Bourguin⁹ dirigiu algumas palavras piedosas a ela, e enquanto ele estava fazendo isso, ela falou em voz alta, para que todos vissem que seu coração estava muito acima do mundo. Pois estas foram suas palavras: “Oh! gloriosa ressurreição! Oh! Deus de Abraão, e de todos os nossos pais, em ti têm os fiéis confiado durante tantos séculos passados, e nenhum deles confiou em Ti em vão. Em Ti eu também espero”. Estas frases curtas foram mais propelidas do que distintamente faladas. Estas não vieram da sugestão de outros, mas a partir de suas próprias reflexões, de modo que ela deixou claro em poucas palavras quais eram as suas meditações.

Eu tive que sair às seis horas. Tendo sido removido para outro apartamento depois de sete anos, ela imediatamente começou a esmorecer. Quando de repente sentiu sua voz falhar, ela disse: “Oremos, vamos orar. Todos orem por mim”. Eu ainda não tinha retornado. Ela estava incapaz de falar, e sua mente parecia estar incomodada. Eu, depois, falei algumas palavras sobre o amor de Cristo, a esperança da vida eterna, a respeito de nossa vida de casados e da sua partida, durante a oração. Em plena posse de sua mente, ela tanto ouviu a oração como a assistiu. Antes das oito ela expirou, tão calmamente, que os presentes mal podiam distinguir entre sua vida e morte. Eu neste momento controlei a minha tristeza para que minhas faculdades não fossem afetadas.

Adeus, irmão, e mui excelente amigo. Que o Senhor Jesus te fortaleça pelo Seu Espírito; e que Ele possa me auxiliar também sob esta pesada aflição, certamente não me esquecerá Aquele que levanta o prostrado, fortalece os fracos e refrigera o cansado, estendendo a mão para mim desde o Céu. Saudai a todos os irmãos e toda a sua família.

Vosso,

João Calvino

...

[Trecho de: O Cristão Amoroso: A Doçura do Amor e do Matrimônio nas Cartas de Crentes, por Michael A. G. Haykin com Victoria J. Haykin (Reformed Trust Publishing, 2009)].

...

Notas:

[1] T. H. L. Parker, João Calvino: Uma Biografia (Philadelphia, PA: Westminster, 1975), 71.

[2] Ibid., 71-72.

[3] Citado em *ibid.*, 72.

[4] T. H. L. Parker, Retrato de Calvino (Londres: SCM Press, 1954), 70-71.

[5] Citado em *ibid.* 71.

[6] Citado em *ibid.*

[7] Extraído de *Cartas de João Calvino*, compilado por Jules Bonnet (Edição de 1858; reimpressão, Nova York: Burt Franklin, 1972), 2:217-219.

[8] Extraído de *Ibid.*, 216-217.

[9] François Bourguin foi um dos presbíteros na igreja de Genebra.

Sola Scriptura!

Sola Gratia!

Sola Fide!

Solus Christus!

Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.